

O *NOVO NORMAL*: DISPUTAS DE SIGNIFICAÇÃO NA MÍDIA DE ENTRETENIMENTO BRASILEIRA

Kelvy Wanderson de MORAIS-MAIA¹

Resumo: este artigo discute a coconstrução referencial de objetos de discurso, o *Novo Normal*, na mídia televisiva de entretenimento a partir dos fenômenos referenciais amparados pela Sociocognição. Para tanto, recupera-se a conjuntura do início da pandemia do novo coronavírus comentando-se suas instâncias referenciais a partir dos fenômenos referenciais das introduções referenciais, anáforas e dêixis, tendo em vista as estratégias lançadas pela mídia para manter um contexto conceitual comum entre interactantes. O *corpus* analisado foram instâncias discursivas dos monólogos que iniciam os quatro primeiros episódios do programa *Novo Normal* da TV TEM, afiliada da TV Globo. O enfoque sociocognitivo implica deslocar a prioridade do objeto de discurso para o percurso referencial, para as negociações de sentido, as relações associativas estabelecidas. A principal conclusão é que o objeto de discurso *Novo Normal* é largamente relacionado com as mudanças nas diferentes dimensões das práticas sociais e os conteúdos relacionados são condensados no objeto *uso de máscaras*.

Palavras-chave: *Novo Normal*; objetos de discurso; Sociocognição; mídia.

Abstract: This article discusses the referential co-construction of discourse objects, the main one of which is the *New Normal*, in the television entertainment media from the referential phenomena supported by Sociocognition. To this endeavor, it recovers the conjuncture of the beginning of the pandemic of the new coronavirus commenting its discursive instances from the referential phenomena of the referential introductions, anaphorae and deixis, in view of the strategies launched by the media to maintain a common conceptual context among interactors. The corpus analyzed were discursive instances of the monologues that initiate the first four episodes of the program *Novo Normal* of TV TEM, affiliated to TV Globo. The sociocognitive approach implies shifting the priority from the discourse objects to the referential path, to the negotiations of meaning, the established associative relations. The main conclusion is that the discourse object *New Normal* is largely related to changes in the different dimensions of social practices and the related contents are condensed into the object wearing masks.

Keywords: *New Normal*; Discourse objects; Sociocognition; Media.

Introdução

Quando a pandemia se instaurou em território brasileiro, a maioria da população, a princípio, continuou a sua rotina na normalidade até o dia 27 de março, uma semana após o Ministério da Saúde declarar estado de “transmissão comunitária” em todo território nacional, recomendando aos estados adotarem medidas de isolamento e distanciamento social. O governo de cada um dos estados brasileiros individualmente se organizou para atender ao decreto federal.

¹ Mestrando em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, Brasil. E-mail: kelvywanderson@gmail.com

Os causos experienciados pela população brasileira da/na primeira onda de Covid-19 em território nacional foi próprio no mundo, pois não houve país cuja primeira onda tivesse durado tanto e passado tanto tempo em situação de platô, foram sete meses e as dificuldades, expectativas, e foco de discussões na mídia e entre a população nas redes sociais foram muito diversos. A constituição simbólica de *Novo Normal* e a sua produção simbólica foi muito rica e espalhou-se através de vários gêneros e semioses desde memes, comentários de *Facebook*, tiras, conversas de *WhatsApp*, charges, fotografias, artigos científicos, programas jornalísticos, aulas remotas, conversas de bar a programas de entretenimento, a noção foi amplamente disseminada tanto quanto a própria Covid-19 pela população brasileira, mas para evitar ambiguidades, nesse sentido tratamos de produção sociocultural e sociocognitiva de um imaginário coletivo (BAUDRILLARD, 2015).

Neste artigo temos por objetivo investigar o percurso referencial na mídia televisiva de entretenimento da coconstrução política do objeto de discurso *Novo Normal*. A fim de atendermos nosso intento investigativo lançamos mão da Sociocognição, mais especificamente, nos processos referenciais, que é o nosso objeto de estudo. Nosso *corpus* (MATURANA; VARELA, 1995; MONDADA; DUBOIS, 1995; DEMÉTRIO, 2018) de análise foram os primeiros episódios do programa homônimo *Novo Normal* da TV TEM, afiliada do conglomerado de mídias TV Globo, apresentado por Daniel Marchi.

O artigo é organizado e foi escrito visando ser acessível para aqueles não iniciados na Sociocognição. Desse modo, traçamos os pontos relevantes conjunturalmente na mídia televisiva de entretenimento, oportunamente discorrendo sobre como a população foi afetada pela pandemia de Covid-19. Após esse movimento, desenvolvemos os pontos principais da hipótese da perspectiva sociocognitiva da linguagem, refletindo sobre o caráter complexo desse processo. Ao falarmos dos fenômenos referenciais, apresentamos exemplos da própria mídia de entretenimento, em diferentes plataformas, para que o processo de coconstrução referencial possa ser melhor explorado. Por fim, analisamos nosso *corpus* e tecemos consideração em percurso refletindo sobre as estratégias que a mídia de entretenimento televisiva lança mão para coconstruir com seus interactantes o objeto de discurso *Novo Normal*.

Metodologia

A metodologia dessa pesquisa foi dividida em três etapas: a seleção do *corpus*, a coleta de dados e os procedimentos analíticos. A primeira, os critérios para a seleção do *corpus* foram: ser um discurso de uma figura pública, mais especificamente de um programa em TV aberta de entretenimento; e ser um programa que segue a “lógica” de monólogos iniciais que sumarizam o mote temático do episódio. O programa selecionado sob tais critérios foi o *Novo Normal* da TV Tem apresentado por Daniel Marchi em formato de monólogos e esquetes temáticas com duração de dez a quinze minutos por episódio. Desse programa foram selecionadas instâncias discursivas dos monólogos de Marchi dos quatro primeiros episódios exibidos entre os primeiros meses da pandemia de novo coronavírus no Brasil de maio a julho de 2020, momento em que o termo “novo normal” ainda não tinha significados bem especificados, crucial para a coconstrução desse objeto.

Segunda, os monólogos foram coletados mediante o uso da ferramenta *printscreen* em que a legenda da fala de Marchi estava em destaque na tela da TV Tem durante o programa *Novo Normal*. O período de coleta de dados foi entre outubro e dezembro de 2020, período designado como fim da primeira onda de novo coronavírus no Brasil.

E terceiro, as telas capturadas foram organizadas em ordem de aparição cronológica e o procedimento de análise da cadeia referencial foi iniciado sob o critério das relações associativas entre termos da cadeia referencial do termo “novo normal” nos monólogos de Marchi. Seguimos a nomenclatura de Costa (2007) e Pereira (2017), respectivamente, em seus trabalhos de análise sociocognitivas.

3 A mídia televisiva de entretenimento durante o *Novo Normal*

Diante da circunstância pandêmica incomum a Globo, principal emissora de televisão nacional, vislumbrou uma oportunidade de lucro, demitiu vários funcionários, desfez projeto de contrato vitalício, parou projetos de novelas em andamento, reprisou sucessos e decidiu investir ainda mais de seu *marketing* e propaganda em serviços de *streaming* na internet, o *Globoplay*; além de planejar e desenvolver rapidamente programas televisivos e de *streaming* que interajam com o público sobre as mudanças e dificuldades vividas para manter os cuidados de higiene e saúde de maneira leve e descontraída.

Desse processo de idealização de projetos de *streaming* surgiram alguns programas criativos que eventualmente foram para a TV, a saber: *Diário de um Confinado* por Bruno Mazzeo; *Sinta-se em casa* por Marcelo Adnet; *Sterblitch Não Tem um Talkshow – O Talkshow* por Eduardo Sterblitch; *Sob Pressão - Plantão Covid-19* por Marjorie Estiano e Julio Andrade; *Amor & Sorte* por Fernanda Torres e Fernanda Montenegro; *Cada um no seu Quadrado* por Paulo Vieira e Fernando Caruzo etc. Com o emboalo e sucesso de tantos projetos rentáveis, mesmo diante de um ano tão difícil para a população brasileira, críticos categoricamente afirmam que o conglomerado de empresas da TV Globo se reinventou e a partir de informação publicada no dia 1 de setembro pela empresa podemos nos surpreender que, apenas de lucros, faturou mais de 560 milhões no segundo trimestre de 2020. A Globo lucrou mais de 215% nesse período comparado com o mesmo período de 2019.

O diferencial do programa que selecionamos como nosso *corpus* de análise, o *Novo Normal*, da TV TEM, afiliada da Globo da região do estado de São Paulo, é que ele não foi planejado e produzido para um canal fechado nem para *streaming* e muito menos para o público mais abastado, ele foi desenvolvido na TV aberta para o público em geral que tem acesso e o hábito de assistir a TV aberta constantemente. Justamente por ser destinado ao público em geral de baixo poder aquisitivo, de classe média e/ou da periferia que o programa *Novo Normal* teve por objetivo em seu projeto idealizado muito mais que entreter e fazer rir, através de um discurso coloquial de massas, traçar um caráter pedagógico de maneira leve e descontraída de modo a evitar o tão prejudicial furor “aterrorizante” tão temido não só pelo governo brasileiro.

O programa *Novo Normal* teve início em 20 de maio, quando a população estava há quase dois meses teoricamente em isolamento social devido à quarentena decretada pelo governo. No mesmo período, um programa do Ministério da Cidadania com o objetivo de baixar os efeitos econômicos da pandemia, o Auxílio Emergencial, teve início em abril primeiramente pela plataforma digital da Caixa o CAIXATEM e depois presencialmente beneficiando aqueles que contestaram o direito a cinco parcelas de 600 reais e quatro parcelas de 300 reais até dezembro de 2020. Desse modo, o programa também dava aulas básicas de finanças para a classe média baixa, principal público do programa e maioria entre os que recorreram ao Auxílio Emergencial, a fim de não “se afogar com boletos”, como o apresentador Daniel Marchi diz.

As principais mudanças e desafios à população, selecionados a cada semana a depender do assunto em voga, apresentados nos primeiros 4 episódios semanais, exibidos

aos sábados e gravados na sexta-feira, foram, a saber: as incertezas de não saber o que é mais *normal*; o incômodo que dá usar máscaras, apesar da proteção e do obediência aos decretos; o acúmulo de boletos para pagar e luta pela sobrevivência; a adaptação à situação como for possível; o sofrimento com crises de ansiedade; a responsabilidade para evitar o aumento do contágio; a relação com a comida; a impotência diante das circunstâncias; os benefícios para o corpo e mente dos exercícios físicos; a nova relação com a higiene; o estabelecimento de novos hábitos comunitários; os perigos da desinformação; o bem-estar de se manter saudável e, com a iminente retomada econômica em agosto, a possibilidade de se divertir mantendo os cuidados.

Hipótese da sociocognição

Nós só somos nós mediante os outros, bem, o fazer e ser na linguagem é uma coincidência contínua entre o que somos e o que são os outros. Os conhecimentos em comum advêm da prática social, o que conhecemos é o que experienciamos na/pela linguagem (COSTA, 2007; PEREIRA, 2017). “Aquilo que não alcançamos em nós (com a última ponta de nossos dedos) já são os outros” citação de Clarice Lispector, é o mote a partir do qual Demétrio (2018), em sua análise das instâncias discursivas da obra de Clarice, define a concepção da sociocognição.

Contudo, o processo de referenciação não compreende a simplista justaposição entre modos de interagir e capacidade cognitiva, muito menos esses possam ser tão deliberadamente separados, pois estamos lidando com um fenômeno complexo. Essa concepção desestabiliza o homem newtoniano, regrado e centro do mundo. Os pressupostos da sociocognição, de relações interdependentes sem um elemento em seu centro são, a saber: processos em que cognição, interactantes, linguagem e realidade coproduzida se relacionam interdependentes (MATURANA; VARELLA, 1995).

A consequência direta é a desestabilização da metafísica, pois esse processo transforma a realidade como semiotizada, compreendendo todos os objetos como objetos de discurso, mediados pela linguagem. O estudo de significação ganha relevância e nesse processo os interactantes, amparados na hipótese sociocognitiva, nas suas práticas e no uso de semioses em jogos de linguagem negociam intensamente entre si os sentidos, uma compreensão da significação pela concepção da sociocognição (MATURANA; VARELLA, 1995).

O desafio de articular a cognição em seu paradigma sociocultural por si só já é de grande ousadia, mais ainda quando nos posicionamos acerca dessa perspectiva continuada entre discurso, cognição e sociedade admite também ser tratada como um sistema de diferenças aberto de não-fixação. É dizer que a distinção na dimensão cognitiva entre cognição interna e externa fundamentalmente lança questões que limitam o processo de constituição intersubjetiva e o próprio processo da referenciação².

O paradigma da sociocognição em seu caráter sociocultural que adota a produção de sentidos como negociada, colaborativa até, é aqui radicalizada. A partir de um posicionamento crítico, no sentido estrito do termo³, essa questão “consensual” é

² Van Dijk é um pesquisador amplamente reconhecido, mas que, essencialmente, divide Cognição, Discurso e Sociedade. Consideramos amparados em Demétrio (2018) que, essa distinção, para os nossos objetivos e para a nossa abordagem, não é recomendável, pois, além de limitar as interações e a constituição intersubjetiva, dificulta uma abordagem do processo de referenciação como percurso. Do contrário, seria tratar desse processo como etapas separadas e artificialmente relacionadas.

³ Crítica, termo da tradição das ciências sociais, demonstra uma postura teórica introduzida pela Escola de Frankfurt. Essa tradição de estudos designa-se Crítica, pois acredita no exame da vida social para revelar as distorções operadas sobre os objetos da experiência. A Crítica, dessa forma, objetiva a estruturação do pensamento teórico a fim de intervir e transformar a realidade social.

manifesta enquanto disputa, coerção, luta situadas pela dominância dos espaços de significação, isto é, uma luta hegemônica em termo laclauiano.

Laclau (1996) discute sobre as relações entre sentido e conhecimento desenvolvidas pela desconstrução derridiana que, a partir da crítica a fenomenologia de Husserl, a relação não hierarquizada entre sentido e conhecimento, pois, em sua percepção, na linguagem, essa relação se estabelece como sentido subordinado ao conhecimento quando ambos são relacionados *vis-à-vis* de modo contingente. É dizer, o conhecimento não limita a produção e a distribuição de sentidos entre interactantes, contudo, a depender das dimensões de jogos de linguagem pode contingentemente limitar esse campo amplo de possibilidades de decisões que é a linguagem. Um aspecto relevante é explorar como essas intervenções nas possibilidades de decisões entre os objetos de discurso se efetuam.

Assim, a percepção de que a linguagem se limita a capacidade de produção de conhecimento é deixada de lado e é alçada em sua dimensão discursiva ao patamar ontológico (LACLAU, 1996). À dimensão ética, política, da reelaboração de realidades e da existência de objetos do discurso⁴. Pois, ao falarmos de alteridade na linguagem como prática de constituir-se enquanto identidade no jogo da representação a partir da relação com um Outro⁵, *diferente*, percepção amplamente aceita desde Bakhtin/Volóchinov (2012) a Austin (1990), os objetos só podem ser considerados como objetos do discurso. É possuir um “exterior constitutivo” como Derrida define. Logo, conclui-se que não há como fugir da relação mediada pela linguagem. Essa perspectiva reflexiva, que Salomão (1999) argumenta, se aproxima muito mais do propósito wittgensteiniano de nos direcionarmos a um construcionismo social (RAJAGOPALAN, 2003, p. 89; LACLAU; MOUFFE, 1989, p. 119).

Sobre significação: o que eu tenho chamado antes de “perspectiva linguística” se referia não somente à linguística *stricto sensu*, mas a todos os sistemas de significação. Como estes últimos são coincidentes com a vida social, as categorias e relações exploradas pelas análises linguísticas não pertencem a áreas restritas, mas a um campo da ontologia geral⁶ (LACLAU, 2014, 124).

Para Laclau (2014), investigar a significação a partir de categorias linguísticas que se relacionam com as diversas dimensões do social não seria tratar de uma ontologia particular, mas sim de uma ontologia geral. A Sociocognição, em consonância ao dito, não se fecha sobre si mesma e esta percepção é muito importante para o desenvolvimento coerente de nosso texto (MARCUSCHI, 2007).

Desenvolvimento dos fenômenos referenciais

A esta altura da discussão pondero que possamos tratar de categorias e/ou fenômenos da referenciação a partir de exemplos de nosso *corpus* sobre o fenômeno

⁴ Laclau e Mouffe (1989) e Laclau (2014) reforçam que, a dimensão ética da linguagem, é o que torna possível a própria linguagem e a impossibilita de ser plena e completa, pois é a partir do outro, num exercício de alteridade, que a linguagem se performa. Mas é por conta desse deslocamento dentro-fora que o discurso toma uma dimensão ontológica, isto é, da existência dos objetos de discurso opondo-se à tradição metafísica.

⁵ Outro no sentido de Freud e Lacan em que o Eu clivado tem um Outro até em si mesmo, tomando o deslocamento de alteridade parte da própria constituição intersubjetiva dos sujeitos.

⁶ Tradução feita pelo autor.

mediático da coconstrução do objeto de discurso o *Novo Normal* em episódios de televisão de programa homônimo⁷.

Iniciando pela **referência**, que indiretamente foi tratada até o presente momento, e que requer maior aprofundamento quanto ao que é considerado como “referência” neste trabalho. Referir é entendido como um processo contínuo de constituição dos objetos de discurso cujo intento é a estabilização de uma referência, ou seja, manter uma relação estável entre coisas (KOCH; MARCUSCHI, 1998).

No caso do *NOVO NORMAL* implica dizer que a constituição deste objeto de discurso não busca referir a um ser no mundo, pra usar um termo heideggeriano, mas a constituição contingente e dinâmica, portanto plural e polissêmica, do *NOVO NORMAL* levando em conta além da agência dos sujeitos ao reelaborar realidades, mediante interações, uma dimensão sociocognitiva que corresponde à relação mediada entre discurso e o “mundo” (MONDADA; DUBOIS, 1995). Relação essa, vale a pena salientar, precária e incompleta, pois os objetos no mundo são inacessíveis sem mediação pela linguagem e a negação disso recai em um neoplatonismo.

Da referência para as **introduções referenciais**, a introdução referencial refere-se aos objetos de discurso introduzidos no âmbito discursivo como informação “nova”. É conveniente alertar que a referenciação e a introdução referencial prescindem de manifestação linguística mediante expressões referenciais, entretanto, no exemplo em questão, as expressões referenciais são utilizadas.

(1)

Pra you que também é normal e fica com o orelhão quando usa as máscaras pra se proteger da pandemia!

As expressões ‘you’ e ‘normal’ introduzem novos referentes no texto adicionando informações pela primeira vez. Um simples exemplo de introdução referencial. Entretanto há mais sobre esse fenômeno, Pereira (2017, p. 47), seguindo a distinção clássica, aponta para uma subcategorização entre introdução referenciais não ancoradas e ancoradas. As introduções referenciais não ancoradas para Koch e Elias (2015) compreendem as introduções em que a informação é “inédita” e na qual não há pista informacional no cotexto nem no contexto. Enquanto as introduções referenciais ancoradas, por sua vez, retomam complexos informacionais já articulados no texto, comumente tratadas como **anáforas** pela abordagem sociocognitiva dos estudos do texto.

As anáforas de forma objetiva cernem sobre o núcleo das retomadas discursivas de um texto. Esta natureza remissiva da linguagem compreende um complexo relacional que intensifica um emaranhado interdiscursivo, intertextual e, por vezes, intratextual de modo que a busca de uma origem seria infundada se levarmos em conta o princípio de “vozes” e polifônico da linguagem levantados pelo círculo bakhtiniano. O processo anafórico é entendido em prospecto e retrospecto no apontamento das expressões referenciais na dimensão da menção contextual, sem se prender especialmente à dimensão (intra)textual - intratextual, aqui, tem equivalência ao termo cotexto.

A complexificação desse processo requer subdivisões na possibilidade de manifestação desse fenômeno, a saber: **anáfora direta, anáfora indireta, anáfora encapsuladora e recategorização**. Advertimos que, apesar da sequência, recategorização não é tipo de anáfora e, portanto, não deve ser confundida como tal. Esse

⁷ *Novo Normal* é um programa de entretenimento que foi projetado pela TV TEM, afiliada a Globo, para ajudar os telespectadores da TV aberta a compreenderem melhor sobre o momento de crise vivido durante a quarentena e pandemia de Covid-19 e se divertirem nesse processo, o programa até o presente momento ainda vai ao ar todos os sábados e disponibiliza os seus episódios na plataforma de *streaming* Globoplay.

é um fenômeno central na problemática de nosso trabalho ainda ambíguo da transformação e apagamento do objeto de discurso *Novo Normal*. A partir de (2) e (3) podemos desenvolver este fenômeno.

(2)

Fala minha gente eu sou **Daniel Marchi, uma pessoa... bã bã bã... normal**. Ou não. Pensar num novo normal é um exercício de desapego, afinal, **nada** nem ninguém é assim tão normal. Admitir que o normal não existe é um passo importante para aceitar que nós **NADA** temos, **NADA** SABEMOS e **NADA** PODEMOS.

(3)

Pra você que também é normal e fica com o orelhão quando usa as máscaras pra se proteger da **pandemia!** Além de machucar as orelhas, embaçar os óculos e parecer que você está mastigando um pano de prato quando você está falando! Já faz um tempo, o **uso das máscaras** se tornou obrigatório. **Obrigatório** e **necessário** já que **se você precisa sair de casa** usar a máscara é a forma **mais segura** de **se proteger** e também de **proteger os outros**.

Em (2) e (3) há exemplos distintos de anáfora. Iniciando pela anáfora direta, em (2) a retomada da introdução referencial ‘Daniel Marchi’ se faz de modo aproximado e claro a fim de evitar ambiguidades pelo termo ‘pessoa normal’ em relação de hiperônimo entre nome próprio e pessoa. Prosseguindo, a introdução referencial ‘nada’ retomada enfaticamente em ‘NADA temos’, ‘NADA PODEMOS’, ‘NADA SABEMOS’ é mais uma exemplificação de anáfora direta, isto é, a menção a um referente já introduzido anteriormente, mas nesse caso sem uso de termo equivalente, mas a repetição da expressão referencial.

A anáfora indireta pode ser bem exemplificada em (3) pela retomada inferencial do termo introduzido referencialmente ‘pandemia’ pelas relações causais inerentes ao contexto pandêmico do ‘uso das máscaras’, ‘obrigatório e necessário’, ‘se você precisa sair de casa’, ‘mais segura’, ‘se proteger’ e ‘proteger os outros’. O uso dos termos moduladores adjetificados ‘obrigatório e necessário’ e do verbo ‘precisar’ expressam a seriedade e compromisso ao obediência das orientações para o contexto de pandemia divulgados pela OMS.

Por outro lado, a expressão referencial ‘pandemia’ em (3) pode ser interpretada como anáfora encapsuladora, pois concentra em si informações antecipadas do que fora dispersado no decorrer do texto. A anáfora encapsuladora é um tipo especial de anáfora indireta que geralmente se manifesta em relações associativas em termos genéricos como “isso”, “aquilo”, “tudo”, “nada” (KOCH; ELIAS, 2015; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO. 2014). Segundo Pereira (2017) quanto mais genérico o termo encapsulador, mais enevoada é a retomada das informações dispersas.

Ainda no processo anafórico podemos tratar da recategorização, uma transformação do referente, que pode ocorrer retomadas por alusão, inferência ou paráfrase. O exemplo segue-se na Figura 1:

Figura 1 – Recategorização Os Amantes (1928) e Vogue Portugal (2020)



Fonte: <https://www.vogue.pt/editorial-freedom-on-hold-de-abril-2020>

Os Amantes (1928), pintura do famoso pintor surrealista René Magritte (1898-1967), foi recategorizada pela capa de revista da Vogue Portugal de abril de 2020, conservando muito do objeto de discurso ao qual se relaciona referencialmente. Uma “releitura” paródica do Amor nos tempos de Covid-19. Aludindo ao realismo mágico da pintura de Magritte (1928), esteticamente relacionando o contexto real à relação surrealista. Magritte em suas obras de arte subverteu o normal, a partir do estranhamento, embora suas pinturas permaneçam imersas na normalidade, haja vista Os Amantes, há paradoxos visuais, uma barreira que impede as suas relações afetivas em total plenitude, recategorizada pelo ‘uso de máscaras’. Assim, Vogue Portugal reinterpretou as relações afetivas de Os Amantes no objeto de discurso ‘uso de máscaras’, na semiose do objeto ‘máscaras’. A legenda da capa é *FREEDOM ON HOLD*, à espera da liberdade, em tradução direta também remete diretamente ao contexto da pandemia de Covid-19 como barreira para os amantes. A Figura 2 denota um esforço remissivo muito maior à cognição dos interactantes ou a perda da relação de recategorização quando a semiose ‘máscaras’ é apagada da imagem, perdendo todas as reflexões desde Os Amantes (1928) de Magritte, vejamos:

Figura 2 – Vogue Portugal (2020)



Fonte: <https://www.vogue.pt/editorial-freedom-on-hold-de-abril-2020>

Considerando o exemplo acima podemos refletir que o processo de recategorização possui várias possibilidades, podendo respeitar o conteúdo do referente ao qual alude conservando seu valor, podendo também agir de maneira a transformá-lo satiricamente ou apagar o seu referente de modo que a relação exija maior esforço cognitivo de seus interactantes para relacioná-los. As imagens anteriores são pertinentes ao contexto analisado do programa televisivo *Novo Normal*

Por fim, precisamos tratar dos **dêiticos**. Considero a dêixis ainda mais complexa que o fenômeno referencial da anáfora, por isso não trataremos em reducionismos que limitam a explanação dos dêiticos ao simples “apontar”.

(4)

É, minha gente! A quarentena fez a gente chegar até aqui! Entre acertos e tropeços nós já aprendemos muitas coisas.

O dêitico não apenas aponta para o que está na dimensão do cotexto, mas também para o que está em seu contexto como ‘aqui’ em (4), e, pode ir além, constituindo relações que podem passar despercebidamente a interactantes textuais que acabam não fazendo essas relações de sentido, relações essas que não necessariamente vêm a afetar a qualidade da interação (PEREIRA, 2017).

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) elencam seis subclassificações do processo referencial dêitico: espacial, temporal, pessoal, social, textual e memória. Costa (2010) denomina essas seis subclassificações como da dimensão aqui-agora-eu e ressalta que o fenômeno dêitico é mais abrangente, pois “no ato enunciativo, o indivíduo se liberta do aqui, agora, eu do contexto imediato e torna-se disponível para se envolver com um ambiente conceitual e orientacional que ele mesmo constrói” (COSTA, 2010, p. 3). Dessa percepção mais abrangente dos dêiticos emerge uma problemática que retomaremos mais adiante: da reelaboração de realidades pelos objetos de discurso.

Por ora, trato de aprofundar o fenômeno das dêixis, esse processo de coprodução referencial que Costa (2010) apresenta se distancia da chamada visão restrita da dêixis e foi caracterizada como dêixis fictiva em que os interactantes textuais coconstroem o contexto referencial do evento situados em um campo perceptual comum (COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016).

Pereira (2017) ao discorrer sobre dêixis fictiva a diferencia das dêixis de memória pontuando características constituintes da dêixis de memória que se distanciam da dêixis fictiva, a saber: a) fácil acesso remissivo contextual e b) relação evidente aos interactantes. Quanto à dêixis fictiva Pereira (2017, p. 48-49) argumenta:

A priori, seria impossível garantir esse grau de acessibilidade por parte de um interlocutor real, dadas as particularidades da realização do discurso e a instabilidade própria do evento textual. *A posteriori*, porque a concepção de dêixis fictiva reside na assunção de que a coconstrução se dá por meio da linguagem dentro de um campo referencial construído, também, por meio da linguagem. A partir disso é iniciado o processo de coconstrução referencial com base na memória presumidamente compartilhada. Inicia-se, assim, uma negociação de sentidos.

Retomamos na seção Análises essa questão da dêixis fictiva com o percurso referencial na reelaboração de realidade. Pereira (2017) desenvolve muito bem as limitações da categoria dêixis de memória que não corresponde a complexidade da primeira, pois se limita ao acesso remissivo contextual e as instabilidades do grau de acessibilidade excedem essa simplicidade. É apropriado compreender a agência dos

interactantes no processo de coprodução referencial e as suas consequências para objetos de discurso e para percepção da realidade.

Tendo aprofundado o bastante para nossos objetivos nas categorias da dos fenômenos referenciais em seus três principais núcleos: **(i) introdução referencial; (ii) anáfora e (iii) dêixis**, ver Quadro 1. Além de ter direcionado questionamentos que serão constantemente retomados no decorrer do texto sobre a reelaboração de realidades particulares que intenta representar universalidades através da estabilidade de referências.

Quadro 1 – Fenômenos referenciais em rizoma



Fonte: Elaboração própria

Programa midiático *Novo Normal*: Disputa de sentidos

Estreando o programa temos o monólogo estrelado por Daniel Marchi, encapsulando a problemática da semana que está na “boca do povo” naquela referida semana. Pelo menos foi assim nos primeiros episódios do programa *Novo Normal*. O comportamento do apresentador se mantém como alguém incisivo e, por vezes, agressivo nos apontamentos levantados das transformações e mudanças drásticas do *Novo Normal*. A ideia do apresentador é a de que ele também está no papel do telespectador à medida em que está descobrindo em cada cena e episódio as *novas* mudanças, experiências e sentimentos advindos delas, transformando a si mesmo nesse *ser* do *Novo Normal*. Daniel Marchi inicia seu monólogo de estreia com “Fala minha gente eu sou Daniel Marchi uma pessoa... bã bã bã... normal. Ou não”. Vejamos seu monólogo de estreia:

(5)

Fala minha gente eu sou Daniel Marchi uma pessoa... bã bã bã... *normal*. Ou não. Pensar num novo normal é um exercício de desaparego, afinal, nada nem ninguém é assim *tão* normal. Admitir que o normal não existe é um passo importante para aceitar que NADA temos, NADA SABEMOS e NADA PODEMOS.

A introdução referencial ‘novo normal’ está retomando não apenas o contexto pandêmico de Covid-19, mas também ao próprio interactante Daniel Marchi que se coloca em posição equivalente de ‘novo normal’. Os atributos desse ‘novo normal’ são introduzidos pela recategorização ‘exercício de desaparego’. Em seguida, experienciamos a retomada de um ‘normal’ que faz parte do imaginário social da memória dos interactantes, não presente no contexto, mas saliente nas sociocognições dos

interactantes. A modalização presente no verbo ‘admitir’, ainda que não seja nosso foco de análise, permite a possibilidade dos interactantes reconhecerem uma *verdade* na qual não podem contestar a *realidade* que ‘o normal não existe’. A consequência de que o ‘normal’ do imaginário social ‘não existe’ põe os interactantes em uma posição subversiva de insegurança, pois o que era tido como *verdadeiro* e *real* foi ilusório. Desse modo, os interactantes do *NOVO NORMAL* devem ‘aceitar’ que ‘NADA temos’, ‘NADA SABEMOS’, ‘NADA PODEMOS’, esse ‘NADA’ sendo a retomada por recategorização do ‘normal’ projeção essa que, por sua vez, se encarna em *NOVO NORMAL* (DEMÉTRIO, 2018).

Nesse primeiro momento (5), podemos notar que a representação de *Novo Normal* aponta os interactantes a um horizonte ideológico de insegurança total ao estar em frente ao desconhecido e medo na composição que, mais uma vez, o desconhecido está à espreita. A deformação do *dado* ‘normal’ em *NOVO NORMAL* pela diferenciação na qual um possui o atributo de ‘não existir’ e o outro de ‘existir’ subverte a maneira que os interactantes concebem a realidade. A encarnação da representação ideológica de *NOVO NORMAL* no que o ‘normal’ não é abre possibilidades de o *Novo Normal* ser *qualquer coisa*, pois a partir de agora o ‘normal’ foi deixado à parte, e *tudo* que será retomado será equivalente ao *NOVO NORMAL* e diferente do *anterior/antigo/velho* ‘normal’.

(6)

Pra você que também é normal e fica com o orelhão quando usa as máscaras pra se proteger da pandemia! Além de machucar as orelhas, embaçar os óculos e parecer que você está mastigando um pano de prato quando você está falando! Já faz um tempo, o uso das máscaras se tornou obrigatório. Obrigatório e necessário já que se você precisa sair de casa usar a máscara é a forma mais segura de se proteger e também de proteger os outros. A gente já se acostumou que essa é a cara do novo normal, mas ainda tem gente que têm muitas dúvidas. As máscaras me protegem mesmo? Eu posso tomar banho de máscara? Eu devo comer de máscara? Se eu faço uma selfie sem máscaras eu estou fazendo um NUDE? (protege seu torso). Sejam todos bem-vindos, o nosso baile das máscaras começa... agora.

No monólogo do segundo episódio (6), Daniel Marchi já introduz referencialmente o ‘normal’, isto é, o *NOVO NORMAL* como *dado*, e volta o diálogo diretamente para seu interactante telespectador. O objeto de discurso ‘uso de máscaras’ tem relação hiponímica com o objeto de discurso *Novo Normal* e é nitidamente expressa a sua função de ‘proteger da pandemia’. A introdução referencial pandemia será uma anáfora encapsuladora mais a frente como apresentada no exemplo (3). ‘Fica com orelhão’, ‘machucar as orelhas’, ‘embaçar os óculos’, ‘mastigando pano de prato’ são enumerações em cadeia equivalencial do ‘uso de máscaras’, de mesma forma, as informações dispersadas são encapsuladas anaforicamente por ‘uso de máscaras’. Salientando o uso de ‘obrigatório’, ‘necessário’ e ‘precisa’ mais verbo que reforçam e retomam às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O ponto relevante deste monólogo é ‘essa é a cara do novo normal’, ‘essa’ genericamente encapsula tanto o contexto de ‘pandemia’ quanto o ‘uso de máscaras’ que estão relacionados por seu contexto semântico e causal, pois o uso de máscaras tem *função* de proteger da pandemia. Desse modo, a representação ideológica mais recorrente do *Novo Normal* é o ‘uso de máscaras’ que, mais amplamente, aponta deitivamente para o contexto de ‘pandemia’ de Covid-19.

As ‘dúvidas’ são enumeradas equivalentemente em ordem de absurdez a fim de ridicularizar o grupo de ‘gente’ que possui tais dúvidas sendo o ‘uso de máscaras’ o fio condutor. A representação semiótica mais genérica do *Novo Normal* é encarnada no ‘uso de máscaras’. Ao mesmo tempo que se difere daqueles que ‘duvidam’ ou não ‘usam máscaras’ representados como absurdistas e conseqüentemente em aos que ‘usam

máscaras'. Essa polarização do social marca o *Novo Normal* naqueles que abraçam os hábitos antigos e ultrapassados e aqueles que mudam para um bem maior rumo a uma harmonia comunitária. (LACLAU, 2014; DEMÉTRIO, 2018)

Por fim, a recategorização de 'baile de máscaras' para os encontros que ocorrem no *NOVO NORMAL* carrega um traço perigoso de elegância, soberba, superioridade e aristocracia diante dos plebeus que não são bem-vindos a tais bailes.

(7)

Já tem mais de dois meses em que nós estamos em isolamento... e se você é assim normal que nem eu, já deve ter percebido que o que não entra em quarentena... É A CHUVA DE BOLETOS QUE CHEGA TODA SEMANA PELO CORREIO. Você lembra lá no comecinho do ano que a economia estava dando um sinalzinho de melhora e que as pessoas já estavam começando a fazer planos, não é? Mas aí vem o quê? A realidade. Difícil, né? A maioria de nós teve que adiar planos e deixar alguns projetos de lado e correr atrás daquilo que é mais importante: arroz e feijão na mesa. Mas dá até um calorzinho no coração quando a gente vê uma galera se virando pra ganhar um dinheirinho no meio dessa crise toda. Já dá até pra voltar a sonhar. E na certeza de que vamos vencer tudo isso juntos o novo normal começa agora!

Pela primeira vez no programa *Novo Normal*, em (7) é introduzido referencialmente o 'isolamento social' que, como Daniel Marchi cita, havia sido implementado desde final de março de 2020 e no dia em que o programa foi ao ar, 30 de maio, fazia exatos dois meses dessa implementação no estado de São Paulo e região. A sentença condicional com, pelo menos, dois referentes 'se você é normal que nem eu' resgata o que foi negociado nos programas anteriores reforçando a noção da necessidade de uma pessoa *fora* do que era normal e que no *Novo Normal* se tornou 'normal' inferindo que os interactantes telespectadores são aqueles que não fazem parte dos grupos de trabalhadores "essenciais" para a economia, pois estão em isolamento obedecendo a quarentena nesses dois meses trabalhando em *home-office*.

O período da introdução referencial 'O que não entra em quarentena' possui dois possíveis referentes, um retomado na anáfora direta 'chuva de boleto que chega toda semana pelo correio' e um segundo inferencial pela regência na voz passiva 'pelo correio', isto é, devido aos trabalhadores considerados essenciais para a economia local ou para o controle do estado de pandemia⁸. Esses trabalhadores, podemos inferir, não são o público alvo do programa *Novo Normal*.

A representação de *Novo Normal* em (7), mantém a princípio uma perspectiva de realidade 'difícil' na qual a maioria dos interactantes telespectadores adiaram projetos e planos para sobreviverem no meio 'dessa crise toda' anáfora encapsuladora. Contudo, essa projeção de 'sobreviver' é encarnada como 'certeza de que vamos vencer' e a dificuldade anterior é subvertida em 'calorzinho no coração' de modo que 'voltar a sonhar' é uma possibilidade.

(8)

Boa tarde pra você que foi fazer um rebuliço na reunião com os professores da escola e teve que levar os seus *anjinhas pra casa com a suspensão das aulas*. TÁ SENTINDO COMO É DIFÍCIL, né? As famílias estão se desdobrando pra conciliar o trabalho, os cuidados com a casa e a educação dos filhos. Professores estão quebrando a cabeça para conseguir criar *aulas online*. E os alunos

⁸ Uma contradição cínica é que o grupo da categoria de profissionais domésticos foi considerado essencial e esses profissionais essencialmente trabalham nas residências de seus contratantes. Um episódio que marcou essa situação grave do paradigma neoliberal foi, em 2 de junho, a morte do garoto Miguel de apenas 5 anos, filho da empregada doméstica Mirtes Souza, que deixou seu filho com a primeira dama de Tamandaré, Sari Costa Real. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pe/pe/pe/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>. Acesso em: 3 de jan. de 2021.

estão lutando para conseguir uma boa conexão de internet. Pois é, minha gente, esses são os desafios do novo normal. Nós estamos no ar!

A temática da educação é inserida no programa *Novo Normal* e não havia um tempo melhor para isso, o momento em que a ideologia reforçada pelo ex-Ministro da Educação Weintraub⁹ e seus apoiadores de que a educação domiciliar seria muito melhor, pois evitaria de seu filho ter diálogo ou ter ciência de outras cosmovisões que não a familiar e ser corrompido por essas novas cosmovisões foi enfraquecida, por causa dos ‘desafios’ estabelecidos pelo paradigma do *Novo Normal*.

‘Você’ se refere diretamente aos pais insatisfeitos com o decreto de suspensão das aulas pelo Estado de São Paulo¹⁰ que, na mesma semana, execraram nas reportagens da semana do Fantástico na qual os pais reclamavam sobre não aguentar a situação com seus ‘anjinhos’ introdução referencial ironicamente usada por Daniel Marchi.

‘Difícil’ recorrente representação de *Novo Normal* aponta para dois referentes respectivamente, a saber: a anáfora direta e dispersa ‘conciliar trabalho’, ‘cuidados com a casa’, ‘educação dos filhos’. Essa ironia tem base na crença de que a escola deve arcar de educar seu aluno integralmente enquanto os pais devem preocupar-se somente com o ‘trabalho’ e ‘cuidados da casa’. Mas a partir da *experiência* de que educar é muito mais complexo do que os pais achavam, a educação domiciliar reivindicada por apoiadores do governo foi apartada no momento.

Embora o foco dos desafios seja sobre a persona dos ‘pais’, tanto ‘professores’, ‘alunos’ e ‘pais’, objetos de discurso, passam por desafios difíceis. Os ‘professores’ em vez de fazer ‘rebuliço’, ‘quebram a cabeça’ para criar aulas *online*. Os ‘alunos’ ‘lutam’ por acesso a uma internet de qualidade, experiência nacional principalmente entre aqueles da rede pública de ensino. ‘Esses’ encapsula os ‘desafios’ de *todos* no *Novo Normal* (KOCH; ELIAS, 2015).

Esse direcionamento retoma a posição vista no exemplo (7), ‘difícil’ é sinonímia de ‘desafio’ e metonimicamente relacionados. A recorrência entre (7) e (8), no entanto, pode ser percebida pelas dimensões sociais dos jogos de linguagem de ambas: trabalho e educação, sendo ambas dimensões metafóricas equivalentes da mesma ação: modo pelo qual os sujeitos produzem/agem socialmente¹¹. São ideologicamente equivalentes, pois apesar do ‘desafio’ o esforço para ultrapassar tal dificuldade a fim de atingir um momento de harmonia comunitária é presente em ambos ‘pais’, ‘professores’ e ‘alunos’ (LACLAU, 2014).

Considerações em percurso

A mídia televisiva de entretenimento, representada nesse trabalho pelo programa *Novo Normal*, utiliza de diversas estratégias para coconstruir objetos de discurso que são novidades no contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil. Entre elas podemos apontar de maneira mais recorrente a de se aproximar mais intimamente de seus telespectadores

⁹ Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-05/no-senado-ministro-da-educacao-defende-ensino-domiciliar>. Acesso em: 3 de jan. de 2021.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.pebsp.com/decreto-64-862-2020-suspensao-das-aulas-covid-19-coronavirus/>. Acesso em: 3 de jan. 2021.

¹¹ No Reino Unido, a partir de dados estatísticos, foi revelado que parcelas acentuadas de jovens em idade laboral “nem trabalhavam, nem estudavam”. A mídia inglesa denominou essa parcela social como *Not currently engaged in Employment, Education or Training* (N. E. E. T.). No Brasil, esses sujeitos foram designados de nem-nem.

de modo a coproduzir a realidade conceitual de que o apresentador Daniel Marchi passa pelos mesmos problemas, inclusive financeiros, que os seus interactantes da TV Aberta no programa *Novo Normal*. Além dessa estratégia, há as relações associativas feitas pelas anáforas e dêixis que retomam constantemente um *fora* que é o contexto experienciado de maneira a aparentar *comum e universal* a todos.

O objeto de discurso *Novo Normal* nos primeiros episódios do programa homônimo da TV TEM é introduzido referencialmente, a princípio, como *diferente* da concepção de normal. Esse objeto de discurso se torna comumente uma forma de designar os atributos divergentes do que é considerado norma. Desse modo, nas relações associativas são introduzidos objetos de discurso de várias dimensões, desde os próprios interactantes até as mudanças na educação que reverberam em outras práticas como no próprio trabalho.

Contudo, a designação de *Novo Normal* usada de maneira abrangente causa confusões acerca de qual referente essa expressão referencial representa. Apesar dessa dificuldade, o percurso referencial apresentou a recorrência principalmente de elementos como ‘cuidados’, ‘novos hábitos’, ‘difícil’ que foram condensados em um objeto de discurso menos abstrato e de melhor retomada referencial pelos interactantes: as máscaras.

Concluimos por meio de nossa análise do percurso referencial da coconstrução de objetos de discurso na mídia de entretenimento televisiva que o ‘uso de máscaras’ ou o objeto simbólico ‘máscaras’ concentra em si os conteúdos referentes ao *Novo Normal*, durante os primeiros episódios.

Reforçamos nossa posição ao relacionar o ‘uso das máscaras’ à mídia televisiva de entretenimento cuja semiose marca nessa mídia o próprio período da experiência da pandemia de Covid-19. Assim, o *Novo Normal* para a mídia de entretenimento mediante a representação das ‘máscaras’ abrange a dimensão conceitual das prevenções e cuidados com a saúde.

Referências

- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. São Paulo: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAUDRILLARD, J. O sistema sócioideológico dos objetos e do consumo. In: BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 145-211.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO-FILHO, V.; BRITO M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- COSTA, M. H. A. **Acessibilidade dos referentes**: um convite à reflexão. 2007. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- COSTA, M. H. A. O fenômeno dêitico e seu alcance na interpretação do discurso. In: COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS DO DISCURSO (ALED), 3., 2010, Recife. **Anais eletrônicos Discurso e Práticas sociais**. Recife: UFPE, 2010. p. 2255-2266. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/ALED-2010/ANAIS-ALED-Brasil-2010.pdf>. Acesso em: 03 de jan. de 2021.
- COSTA, M. H. A.; MONTEIRO, B.; ALVES, L. Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Revista 18, v. 2, p. 42-66, jul-dez 2016. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5360/3931>. Acesso em: 03 de jan. de 2021.

DEMÉTRIO, A. **Aspectos epistemológicos da sociocognição no discurso reflexivo de Clarice Lispector sobre o dizer: o malogro da voz e o esplendor de ter uma linguagem**. 2018. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

KOCH, I. G. V. ; MARCUSCHI, L. A. A progressão referencial na produção discursiva. **DELTA**, v. 14, 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Miranda. Fala e escrita. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**, v. 2, p. 29-73, 2015.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics**. London: Verso, 1989.

MAGRITTE, R. Os amantes. **É uma das mais belas pinturas do surrealismo**, 1928.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Psy II, 1995.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. **Revue Tranel (Travaux neuchâtelois de linguistique)**, v. 23, p. 273-302, 1995.

PEREIRA, H. **O processo de coconstrução da cadeia referencial em questões do ENEM por estudantes do ensino médio**. 2017. 233 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: **Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade, e a questão ética**, Campinas: Parábola, p. 81-88, 2003.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção de sentidos e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 3, n.1, p. 61-79, 1999.

SALOMÃO, M. M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-39, 1997.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-168.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1992.

Submetido em 30 de março de 2021.

Aceito em 28 de junho de 2021.